

## Lucien Febvre e os “Combates pela História”: artes do fazer/ensinar história

MARCOS FERNANDES DE OLIVEIRA\*

JOEL CARLOS DE SOUZA ANDRADE\*\*

Caracterizado por muitos como uma figura importante para história e para historiografia, Lucien Febvre, apresenta vários ensinamentos que podem ser caracterizados como importantes referências para história e para historiografia, a partir desta perspectiva propõe-se neste trabalho a realização de uma breve discussão acerca da possibilidade de aplicação e aproveitamento destes saberes no ensino de história. Mas primeiramente o trabalho irá realizar uma breve, mas também pertinente análise sobre o “significado” das teorias da história para o ensino de história.

Muitos autores tentam atribuir ou problematizar a importância ou papel das teorias no ensino de história, e como colocado por Jörn Rüsen (2001);

*Na medida em que a teoria da história explicita que a relação da ciência da história com a vida prática de seu tempo não pertence a um recanto abstruso do pensamento histórico intensifica-se sua função didática com esta vida prática com essa vida prática. Ela orienta os resultados cognitivos da ciência da história para os processos de aprendizagem da formação histórica ao explicitar a função orientadora que o conhecimento histórico obtido e formulado tecnicamente sempre possui, uma vez que afinal de contas, origina-se das carências da orientação dessa mesma vida prática. (RÜSEN, 2001: 48 - 49)*

Neste sentido, “a teoria da história assume, pois, no campo da formação histórica, uma função didática de orientação” (RÜSEN, 2001: 49), o que também não significa segundo a perspectiva do autor, que a teoria da história acabe se inserindo em uma teoria da didática da história.

---

\* Graduando em História (Licenciatura) no CERES/UFRN, bolsista do projeto de monitoria “O Saber Histórico: Ciência e/ou Arte?”.

\*\* Mestre em História e professor no DHC/CERES/UFRN.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Além disso, para Rüsen (2001), organizar a disciplina história, como uma “miniatura” da especialidade científica seria algo equivocado nas escolas ou no trabalho com os 1º e 2º graus de ensino.

Partindo deste pressuposto e retomando os olhares sobre Lucien Febvre, podemos captar ou deduzir a possibilidade da abertura dos saberes apresentados por Febvre ao ensino de história, levando-se em consideração a realidade a qual o exercício deste processo de ensino-aprendizagem está inserido.

Cofundador da Escola ou Movimento dos Annales, que teve grande importância tanto para história, quanto para a historiografia, ao ponto de Peter Burke (1997) referir-se ao mesmo como uma “*Revolução Francesa da historiografia*”, já que, os Annales, em sua perspectiva, representaram um verdadeiro movimento de descontinuidade com a historiografia tradicional e suas concepções, Lucien Febvre, apresenta um olhar sob a história diferente do habitual em sua época, dando, ao lado de Marc Bloch, outra conotação a história: “o objecto de nossos estudos não é um fragmento do real, um dos aspectos isolados da actividade humana — mas o próprio homem, entendido no seio dos grupos de que faz parte” (FEBVRE, 1989: 31).

É sob esta forma diferenciada de trabalho que Febvre, ao lado de Bloch, irá “construir” e apresentar “novos horizontes” a história e a historiografia, caracterizados por noções e perspectivas até então pouco trabalhadas ou não trabalhadas por outros autores, como por exemplo, a produção de uma história-problema, ou de uma história cientificamente conduzida, que não perde a proximidade com o “sensível”, além de proporcionarem a ideia de abertura da história a outras disciplinas, concepções essas que trabalhadas em sala de aula permitem um caráter dinâmico e interdisciplinar do ensino de história.

Liderado por Febvre e Bloch, o movimento dos Annales, em sua “primeira geração”, “pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história” (BURKE, 1997: 33) quebrando com as perspectivas do modelo de história dominante até então.

Para conseguir a realização de tal projeto Febvre recebeu influências de vários autores; “durante toda a vida expressou sua admiração pela obra de Michelet. Reconheceu Burckhart como um de seus legítimos ‘mestres’, juntamente com o historiador da arte Louis Courajod” (BURKE, 1997: 24),

*Mas sua inspiração derivava, na verdade, das outras ciências sociais e dos outros historiadores, como Henri Berr, que acreditavam na profunda interdependência entre tais ciências e a história. De Henri Wallon e Charles Blondel, Febvre derivou seu interesse pela psicologia social que o acompanhou por toda a vida. Do geógrafo humano Paul Vidal de La Blache (Braudel o chamaria depois de “o mais influente de todos”), ele aprendeu a reconhecer as diferentes formas pelas quais as sociedades respondem ao meio ambiente físico. Do filósofo Lévy-Bruhl, ele e Bloch desenvolveram a noção de que para além dos pensadores individuais e suas expressões particulares de valores e crenças repousam sistemas de pensamentos padronizados – “mentalidades” – que variam radicalmente segundo a época. Acima de tudo seguindo Durkheim, ambos os historiadores aceitaram a primazia do social e do coletivo na vida dos atores históricos. (CLARK, 2011: 183 – 184)*

Além disso, a proposta de abertura da história para outras áreas do conhecimento permite a construção e a realização de uma história de caráter interdisciplinar a partir dos autores, caráter este que pode ser também trabalhado em sala de aula já que, levando ao âmbito do ensino, poderíamos dizer que, a interdisciplinaridade permite e auxilia a inserção do ensino em um processo de integração, formação e transformação em seu próprio interior.

*A interdisciplinaridade pode ser realizada na produção de conhecimentos novos, na sistematização de conhecimentos já produzidos, nas atividades de ensino, na elaboração de conferências, na organização de manuais didáticos de ensino, na atuação profissional. Merece um atenção especial na elaboração dos projetos de pesquisa e dos programas de ensino. (PAVIANI, 2008: 55)*

Teoricamente falando, uma das contribuições interdisciplinares deixadas por Lucien Febvre, e uma das características marcantes dentre algumas de suas obras fora a “introdução geográfica”, “que traçava um nítido perfil dos contornos da região” (BURKE, 1997: 25). Sendo assim é importante mencionarmos que, embora a relação entre a história e a geografia, ou a ideia de uma Geo-história, na maioria das vezes, seja vinculada aos historiadores da segunda geração do Annales, e, mais, especificamente a figura de Fernand Braudel, que se utilizou bastante desta característica geo-histórica na realização/construção de grande parte de suas obras, o Febvre já trabalha sob esta perspectiva na primeira geração.

Inspirado principalmente na geografia humana de Vidal, Febvre procura, em algumas de suas obras, realizar uma relação paralela e interdisciplinar entre a história e a geografia. Segundo Guy Bourdè e Hervé Martin, em *A terra e a revolução humana* [1922];

*Retendo a lição de Paul Vidal de la Blache, L. Febvre procura lançar uma ponte entre história e geografia. Sugere «separar, por comparação e abstração, o papel nas histórias humanas de um certo número de factores qualificados, especialmente de geógrafos: a distancia, o espaço a posição...» (p.37). Este livro, demasiado geral, talvez prematuro, nem por isso deixa de abrir a via à geo-história, «a uma verdadeira geografia humana retrospectiva». (BOURDÉ, MARTIN, 2003: 120)*

Entretanto, a proposta interdisciplinar de Febvre, e dos Annales, não se limitou apenas a geografia. Além da análise e dos trabalhos realizados sob uma relação caracterizada pela aproximação entre a geografia e a história, Febvre também realiza trabalhos na perspectiva da história social e de uma “psicologia histórica”, que, segundo Peter Burke (1997), funcionaria, principalmente, como uma espécie de análise das “atitudes coletivas”.

*Depois de completar seu antigo projeto de geografia histórica, Febvre, tal qual Bloch, mudou o rumo de seus interesses para o estudo de atitudes coletivas, ou “psicologia histórica”, como ele, da mesma maneira que seu amigo Henri Berr, denominou esse tipo e trabalho. Até o fim de sua vida, concentrou o melhor de seu trabalho de pesquisa na história do renascimento e da Reforma, especialmente na França. (BURKE, 1997: 31)*

Febvre também sugere, ainda, uma construção da análise histórica sob a perspectiva das estruturas mentais. “Febvre e Bloch haviam desenvolvido um interesse intenso pelas mentalidades e pela psicologia coletiva” (CLARK, 2011: 184), tanto que segundo Stuart Clark (2011);

*Para Febvre e Bloch, também, eventos e estruturas eram ainda aspectos complementares da realidade e fatores tais como vontade e intenção eram reconhecidamente importantes. Febvre em especial se opôs a toda forma de determinismo geográfico, preferindo o “possibilismo” de La Blache e enfatizando a ideia segundo a qual os meios ambientes são tanto veículos de sentimentos atribuídos quanto fatos brutos a respeito do mundo exterior. (CLARK, 2011: 184)*

Um dos autores que influenciou L. Febvre na construção desta característica de suas obras foi Émile Durkheim, além de também receber uma grande influencia do “linguista Antoine Meillet, um aluno de Durkheim particularmente interessado nos aspectos sociais da língua” (BURKE, 1997: 24).

Além disso, é importante mencionarmos que quando Lucien Febvre decide escrever, o que parecia ser um estudo biográfico sobre Lutero, o autor se utiliza da psicologia como uma forma de fazê-lo sob outras perspectivas e características dando novos moldes a biografia histórica. Tanto que, segundo Burke (1997);

*Pode-se ficar surpreso ao deparar com Febvre escrevendo uma biografia histórica nesse momento de sua carreira. Contudo, no prefácio de seu estudo sobre Lutero, o autor previne que não se trata de uma biografia, a tentativa de resolver um problema, a saber, “o problema da relação entre o indivíduo e o grupo, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social”. (BURKE, 1997: 32)*

L. Febvre investe, ainda, no caráter de uma “história total”, ou seja, “que aborde todos os aspectos das atividades humanas” (BOURDÉ, MARTIN, 2003: 122), tornando-se assim um grande crítico da história “historizante”, ou melhor, de uma história baseada em elementos políticos. Segundo Bourdé e Martin, “através dos seus múltiplos artigos, publicados em *A Revista de Síntese* e nos *Annales*, L. Febvre instrói processo da ‘história historizante’” (BOURDÉ, MARTIN, 2003: 121).

Seguindo a análise acerca dos saberes apresentados por Febvre que nos permitem, e que constituem artes de um fazer/ensinar história, é importante o debate acerca da perspectiva de História-problema, que também pode ser utilizada como uma ferramenta ou estratégia para o processo de ensino-aprendizagem no tocante a história, afinal, segundo Febvre (1989) “se não há problemas, não há história” (FEBVRE, 1989: 31). Ligada à ideia de história problema outra característica apresentada por Febvre a compor estes saberes, a ideia de uma história apresentada como um estudo cientificamente conduzido, e não exatamente uma ciência, e que cuja formula implicaria em “duas operações, as mesmas que se encontram na base de qualquer trabalho científico moderno: por problemas e formular hipóteses” (FEBVRE, 1989: 32).

Lucien Febvre e o movimento iniciado por ele, ao lado de Marc Bloch, apresentaram novas perspectivas, moldes e formas de se trabalhar a história, afinal de contas;

*Os historiadores dos Annales realizaram muitos feitos admiráveis e seu trabalho causou grande impacto no pensamento histórico. Nenhum grupo comparável de acadêmicos exerceu influência mais decisiva. Eles romperam de vez com a*

*hesitação e desconfiança com a qual outras áreas de investigação que não a política eram encaradas, e demonstraram para além de qualquer dúvida que os historiadores precisam aprender de disciplinas irmãs se desejam aprofundar e dar vida à sua compreensão da história.* (CLARK, 2011: 190)

E tais perspectivas continuam até mesmo nos dias atuais tendo importância e relevância para história e para a historiografia, nos permitindo escrever este, que embora, breve e simples, trabalho, buscou discutir acerca de alguns destes saberes propostos por Febvre, que caracterizam seus “*combates pela história*” e que nos permitem e nos dão a possibilidade de trabalhar estas artes do fazer/ensinar história em sala de aula.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BOURDÉ, Guy, MARTIN, Hervé. A escola dos Annales. In: \_\_\_\_\_. **As escolas históricas.** Mira-Sintra — Mem Martins: Europa-América, 2003.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929 – 1989.** A revolução francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CLARK, Stuart. Os historiadores dos Annales. In: NOVAIS, Fernando A., SILVA, Rogério Forastieri da (orgs). **Nova história em perspectiva 1.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FEBVRE, Lucien. Contra o vento: Manifesto dos novos *Annales*. In: NOVAIS, Fernando A., SILVA, Rogério Forastieri da (orgs). **Nova história em perspectiva 1.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à partida. In: \_\_\_\_\_. **Combates pela história.** Lisboa: Editorial Presença, Lda. 1989.

PAVIANI, Jayme. Ações interdisciplinares. In: \_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RÜSEN, Jörn. Tarefa e função de uma teoria da história. In: \_\_\_\_\_. **Razão histórica: teorias da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.